

# CADERNOS DE INCLUSÃO

## 15

**EPISTEMÔMETRO. Uma Metodologia para a  
Descolonização do Currículo das Universidades  
Brasileiras (Primeira Versão)**

**José Jorge de Carvalho**

# **CADERNOS DE INCLUSÃO**

Publicação do Instituto Nacional de  
Ciência e Tecnologia de Inclusão no  
Ensino Superior e na Pesquisa  
INCTI/UnB/CNPq  
V.6. No.15. dezembro 2020

## **Editorial**

Coordenação Geral: José Jorge de Carvalho

Coordenação Editorial: Letícia C.R. Vianna

Assistência Executiva – ( edição virtual): Samita Ilê M. Campos de Souza

Editor: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino  
Superior e na Pesquisa. INCTI/UnB/CNPq

Universidade de Brasília - Instituto Central de Ciências – ICC Sul, lado A, Sala BSS  
135/138. Campus Universitário Darcy Ribeiro. Brasília DF. CEP. 70.919-970

**ISSN 2965-6311**

José Jorge de Carvalho

## **Cadernos de Inclusão 15**

V.6. No.15. dezembro 2020

# **EPISTEMÔMETRO. Uma Metodologia para a Descolonização do Currículo das Universidades Brasileiras (Primeira Versão)**

Brasília  
2020

## **EPISTEMÔMETRO. Uma Metodologia para a Descolonização do Currículo das Universidades Brasileiras (Primeira Versão)**

José Jorge de Carvalho –  
Coordenador do INCTI/UnB/CNPq

### **Necessidade de uma Metodologia Descolonizadora da nossa Academia**

A ideia de construir um Epistemômetro foi inspirada na presença dos mestres e mestras das comunidades tradicionais (indígenas, afro-brasileiras, quilombolas e outras) nas disciplinas do Encontro de Saberes.<sup>1</sup> Desde a primeira edição, que teve lugar na Universidade de Brasília em 2010, pude constatar que praticamente nada do que eles e elas ensinavam possuía um correlato evidente nas ementas das disciplinas vigentes nas várias universidades que conformam a nossa rede acadêmica. Nessa primeira constatação, a conclusão que se impôs foi a de que o nosso currículo estabelecido é incompleto. Além disso, na medida em que os mestres e as mestras abordavam os temas a partir de ângulos epistêmicos distintos do ocidental moderno, a segunda conclusão foi a de que o currículo é insatisfatório. De fato, foi somente após a experiência concreta de escutar as aulas dos mestres que fez sentido pleno avaliar o currículo vigente, pois antes da sua chegada ou ele era naturalizado como um modelo colonizado e imutável de excelência, ou podia ser avaliado e questionado apenas de um modo abstrato, sem um contra-exemplo epistêmico efetivo.

Essa realidade anterior ao Encontro de Saberes é o que chamamos, em termos gerais,

---

<sup>1</sup> O Encontro de Saberes é um projeto desenvolvido pelo INCT de Inclusão cujo objetivo é a promoção dos mestres e mestras dos saberes tradicionais (indígenas, afro-brasileiros, quilombolas, das culturas populares e dos demais povos tradicionais) para que atuem como docentes nas universidades, e que já alcançou uma dimensão nacional e internacional. Para a teoria e o método do Encontro de Saberes, ver Carvalho (2017, 2018, 2019, 2020a e 2020b), Carvalho e Flórez (2014a e 2014b), Carvalho, Flórez e Ramos (2017), Carvalho e Águas (2015) e Carvalho a Vianna (2020).

de modelo acadêmico colonizado pela episteme eurocêntrica: nossas universidades foram fundadas para a reprodução integral e sem adaptação local da cultura, da ciência, das artes, das humanidades e das tecnologias ocidentais modernas. Partimos de um padrão acadêmico monocultural, monolíngue e monoepistêmico e nos propomos construir um novo padrão multicultural, pluriépistêmico e poliglota que possa refletir a diversidade de tradições de conhecimento, em todas as áreas, que estão vivas e florescentes em nosso país. Fazendo parte desta proposta refundadora das nossas universidades, o Encontro de Saberes integra um campo teórico maior que inclui, entre outras, as teorias chamadas de pós-coloniais e decoloniais. No caso da América Latina, os acadêmicos decoloniais criticam o eurocentrismo das nossas universidades, porém a partir de uma avaliação genérica, sem oferecer nenhum estudo empírico que possa fundamentar um diagnóstico circunstanciado da nossa colonização acadêmica.

A ação de descolonização acadêmica somente se efetiva, de fato, em um conjunto articulado de ações, com destaque entre elas para a reforma curricular. E a reforma curricular exige construir um ambiente plurepistêmico. Por outro lado, trazer as epistemes não-ocidentais para a universidade exige um deslocamento, um rearranjo e uma redução do espaço quase absoluto que foi conferido à episteme ocidental. O primeiro passo para formular um currículo pluriépistêmico é realizar um diagnóstico epistemológico do currículo vigente. Se os autores, as teorias e os temas eurocêntricos reinam quase sozinhos, é preciso ver como negam, silenciam ou representam os saberes não-ocidentais excluídos. Esse olhar analítico que põe atenção tanto no que que está presente como no que está ausente é característico do Epistemômetro. Esta ferramenta olha para o que está recomendado e tornado obrigatório como referência de saber acadêmico; e olha também para o que deveria formar parte, e ainda não faz, para a construção de um novo campo plural de saber superior em todas as áreas para que possa fazer justiça à diversidade epistêmica da sociedade brasileira.

O Epistemômetro visa captar não apenas as teorias e métodos utilizados nos nossos cursos, mas os usos dessas teorias e métodos, sua capacidade de indução na nossa academia e o modo como são aplicados e reproduzidos, condicionando, pelo seu potencial de resposta, as perguntas que fazemos sobre nós mesmos. Caso as teorias procurem responder a perguntas específicas geradas na academia dos países centrais, resta-nos avaliar se elas nos podem ser úteis para a formulação adequada de nossas perguntas e o consequente encaminhamento de

respostas adequadas para elas. Trata-se de um parâmetro que funciona como uma medição tanto quantitativa quanto qualitativa do currículo. Seria possível, por exemplo, trocar ou acrescentar obras sobre temas indígenas e afro-brasileiros nas disciplinas e ainda assim manter a episteme ocidental exclusiva na abordagem de todos os cursos e perfis profissionais dos seus egressos. Como resposta a uma realidade que necessita ser transformada, o Epistemômetro não se apresenta como uma nova linha de produção científica, mas como um exercício analítico e crítico, de apoio para uma tomada de posição descolonizadora e propositiva. Não é, portanto, uma proposta de pesquisa com parâmetros supostamente neutros, como se fossem universais, mas uma leitura da ordem epistêmica vigente na nossa academia interessada.

A primeira aplicação do Epistemômetro realizada pelo INCTI de Inclusão foi uma análise da aplicação da Lei 11.645 (e da sua antecessora, a Lei 10.639), desenvolvida para o Ministério da Educação. Tratou-se de observar a introdução das culturas indígena e afro-brasileira em um ambiente escolar antes inteiramente eurocêntrico do ponto de vista cultural; e a introdução de discursos e narrativas próprias dos indígenas e dos afro-brasileiros que produzem as suas próprias representações de si mesmos. Leticia Vianna realizou uma primeira leitura, com amostra de cursos de universidades das cinco regiões do país. Depois Raoni Machado Jardim completou a leitura para todas as universidades federais. Realizei ainda um exercício de aplicação do Epistemômetro propondo-o como tarefa para os estudantes do curso “Diálogos de Civilizações e Encontro de Saberes” da Pós-Graduação de Antropologia da UnB. Levantamos análises dos cursos de Ciências Sociais e Antropologia de várias universidades, como a UFT, UNILAB, UFOPA, a Pós-Graduação de Estudos Latino-americanos da UnB e o Núcleo Intercultural Insikiran da UFRR. Em ambas aplicações preliminares, tanto das disciplinas das duas Leis como das de Ciências Sociais, a coleta de dados foi feita com base nas mesmas variáveis que apresento agora; sem, porém, ancorar e contrastar os dados nas referências trazidas pelas disciplinas do Encontro de Saberes nas universidades. Esta ancoragem e este contraste conformam o centro da proposta metodológica completa do Epistemômetro ora apresentada.

O que procuro detectar, desde então, é a intensidade com que a cultura ocidental é difundida nas escolas e nas universidades, como modelo de identificação afetiva, estética, simbólica, intelectual e política; e a unilateralidade, parcialidade ou impropriedade com que

as disciplinas acadêmicas representam e objetificam as nações indígenas, as comunidades negras, quilombolas, as culturas populares e os demais povos tradicionais. A primeira pergunta que devemos fazer para avaliar a diversidade epistêmica e cultural das instituições de ensino é: quantos e quais saberes tradicionais não-ocidentais são ensinados? E em que grau de detalhe, profundidade e compromisso com as comunidades detentoras desses saberes? A presença, maior ou menor, ou a ausência dos saberes tradicionais não-eurocêntricos condiciona todas as perguntas seguintes. Se eles não são ensinados significa que não existe ainda um movimento alternativo em direção a um pensamento outro. Se eles são ensinados, há que investigar a tensão epistêmica e política gerada a com sua presença.

Uma vez identificada a riqueza e a diversidade das nossas tradições de conhecimento, faz-necessário observar se sua presença é justificada pela episteme dominante. O eurocentrismo pode sobreviver na operação de traduzir o saber não-ocidental condicionalmente incluído, enquanto a diversidade epistêmica consiste na convivência de saberes diferentes sem a necessidade de serem traduzidos, ou às vezes reduzidos aos termos da episteme ocidental. Eurocentrismo é a precedência da episteme ocidental, e não sua presença pura e simples, cuja importância não deve ser negada. À precedência incondicional da episteme ocidental por sobre qualquer outro tipo ou origem de saber podemos dar o nome de euroexclusivismo.

O epistemômetro visa captar o momento inicial de um processo de mudança no padrão estabelecido de produção e reprodução de conhecimento acadêmico e de ensino no Brasil. Ao longo de todo o século XX não houve praticamente nenhuma proposta prática de revisão nessa área. O esforço foi basicamente de ampliação da oferta de vagas, cursos e de ampliação do número de universidades. Paralelamente, ocorreu um aprofundamento das relações da comunidade acadêmica brasileira, tanto nas Ciências Exatas quanto nas Humanas, com as comunidades acadêmicas europeia e norte-americana. De fato, com a ampliação dos programas de Pós Graduação, intensificou-se ainda mais a importação de teorias e métodos desenvolvidos nos Estados Unidos e na Europa para serem aplicados no ensino e na pesquisa no Brasil. Essa relação irrefletida de subalternidade acadêmica foi reproduzida na década passada pelo programa Ciência sem Fronteiras, que enviou nossos jovens universitários para as universidades ocidentais hegemônicas. Não resta dúvida de que essa importação unidirecional fez avançar o nosso conhecimento acadêmico, porém sempre

na direção da episteme ocidental, atualizando nossa identificação com ela e, conseqüentemente, intensificando o silenciamento e a negação das tradições de conhecimento indígenas, afro-brasileiras, das culturas populares, quilombolas e dos demais povos tradicionais.

No contexto acadêmico brasileiro do séc. XX, nem sequer fazia sentido falar de eurocentrismo, uma vez que a imagem de ensino superior já havia sido construída como idêntica à das universidades ocidentais. O termo começa a fazer sentido, ainda que indiretamente, somente após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em 1996, que incluiu a proposta do ensino escolar indígena bilíngüe, colocando em questão, provavelmente pela primeira vez, o monolinguismo e a monoculturalidade fundantes e constitutivas do nosso padrão geral de ensino, do fundamental ao universitário.

Ao observar mais de perto a aplicação das duas leis, poderemos ser levados a concluir que talvez sua mais importante contribuição, para a superação do eurocentrismo, seja a abertura temática que elas provocaram. O campo interdisciplinar aparece quase automaticamente no seu horizonte, pois as expressões culturais a serem ensinadas não se organizam segundo a lógica disciplinar humboldtiana, exigindo, portanto, a articulação de abordagens próprias de várias disciplinas para dar conta de uma expressão cultural específica. Sintetizando as várias situações surgidas na construção dos cursos nas nossas universidades e a inovação provocada pela introdução das leis, é possível identificar pelo menos três situações distintas: a continuidade de um projeto monodisciplinar em áreas eurocêntricas; perspectivas interdisciplinares em áreas não-eurocêntricas; e, finalmente, perspectivas transdisciplinares para as áreas não-eurocêntricas. Quando esse último arranjo institucional for alcançado, ainda que apenas em algumas áreas, já estaremos em um ambiente acadêmico não mais eurocêntrico, mas certamente pluriépistêmico. Invertendo o raciocínio, podemos concluir que a implementação das leis transforma o perfil epistêmico das universidades do concreto para o abstrato: para pesquisar e ensinar as culturas afro-brasileiras e indígenas é preciso adquirir uma postura transdisciplinar, isto é, atravessar as fronteiras estabelecidas por cada disciplina, dado que todas elas foram criadas para ensinar exclusivamente os conhecimentos eurocêntricos.

Uma conceituação aprofundada do tema do eurocentrismo foi formulada por Samir Amin, no seu livro homônimo *Eurocentrism* (2010), trazendo à luz o horizonte histórico do



colonialismo e do imperialismo europeu, consolidado nos sécs. XVIII e XIX, com suas consequências no modo como a academia europeia representou os continentes não-europeus e impôs essa representação para que fosse assimilada e introjetada pelos povos não ocidentais. Parte dessa auto representação absorvida de fora para dentro foi generalizada, com efeitos na organização política, econômica, social, militar e territorial de países asiáticos, africanos, do Oriente Médio e das Américas. Além dessas, uma parte significativa estendeu-se para a auto-representação de sua identidade cultural, incluindo a ideia de uma suposta superioridade científica, artística e humanística da civilização ocidental moderna por sobre todas as demais civilizações - indiana, chinesa, japonesa, islâmica, africana e de todos os demais povos e grupos étnicos do mundo.

Samir Amin viu o eurocentrismo a partir de um ponto de vista centrado no mundo islâmico, na África e na região do Mediterrâneo em geral, ainda que seu modelo geopolítico, histórico e econômico possa ser adaptado aos outros continentes, civilizações e povos. No caso brasileiro, as dimensões mencionadas no eurocentrismo como modelo civilizatório foram plasmadas sistematicamente nos arranjos institucionais, nos projetos e temas de pesquisa, nos cursos, nas disciplinas e nas ementas de praticamente todas as nossas universidades até o ano 2000.

O termo importante para uma avaliação da aplicação das Leis acima referidas talvez não seja apenas eurocentrismo, mas euroexclusivismo, e, em determinados casos, europrecedência. Euroexclusivismo é uma condição que detectamos na maioria das ementas das disciplinas das Artes, das Humanidades e das Ciências Sociais (e que devem estar presentes também nas demais áreas): muitas delas chegam a contar com 100% de autores europeus e norte-americanos; e nesses casos, os autores brasileiros incluídos discutem apenas temas e teorias eurocentrados. Na europrecedência, viés mais sutil do eurocentrismo, os intelectuais não-ocidentais situados na academia hegemônica continuam mantendo a precedência dos temas e das abordagens geradas no espaço acadêmico hegemônico – e que logo são reproduzidas pelos nossos acadêmicos, tornando necessária uma vinculação que é de fato contingente e localizada, entre os temas gerados nos países hegemônicos com aquelas teorias hegemônicas.

Nesses casos, o eurocentrismo, mesmo quando lido com teorias ditas críticas, visa capturar sempre a precedência do lugar de fala. Como diz Gayatri Spivak, no seu ensaio

famoso, *Pode o Subalterno Falar?* (2018), mesmo quando determinados autores tidos como progressistas ou vanguardistas (no seu caso, ela se refere a um debate ocorrido entre Gilles Deleuze e Michel Foucault) discutem a ampliação temática e teórica nas Ciências Humanas e Sociais, acabam mantendo o Ocidente como o sujeito que fala e sobre o que se fala. Se esta observação é verdadeira e pertinente, o perigo resvala também para a própria Spivak, ao criticar um suposto eurocentrismo e ao mesmo tempo apresentar-se e referir-se ao Ocidente a partir da sua condição de professora da Universidade de Columbia, no centro do império acadêmico mundial. Ao criticar o diálogo de Foucault com Deleuze, sua crítica converte-se, pelo menos parcialmente, numa nova polêmica circunscrita à academia ocidental, entre dois intelectuais parisienses e uma indiana radicada há décadas em Nova Iorque. Muito distinto seria o efeito da sua crítica se ela tivesse se referido a alguma polêmica entre um pensador ocidental e outro não-ocidental.

Nestes termos, há que prestar atenção nos circuitos viciados de conhecimento, exorcizando os teóricos que nos forçam a tomar partido por assuntos internos aos países centrais. Essa identificação ocorre sempre ao preço de uma desidentificação com temas e questões polêmicas próprias da nossa sociedade. Podemos tomar este argumento de Spivak como um alerta para nós, advindo do eurocentrismo crítico: os autores reconhecem as condições de auto-confinamento produzidas por eles mesmos, porém não lhes cabe alternativa além de reproduzi-las. O corte do cordão umbilical eurocêntrico cabe a nós efetuar e apenas a nós. O eurocentrismo crítico pode propor o cessar da condição individual de colonizador, porém não consegue deter o processo de reprodução do circuito colonizador na academia da qual ele faz parte. O que não nega a importância da luta específica, de descolonizar o currículo das suas universidades hegemônicas.

### **Bases do Epistemômetro**

O Epistemômetro nos revela as condições e os limites do diálogo que podemos estabelecer com os acadêmicos ocidentais. Obviamente, não se trata de defender nenhuma xenofobia epistêmica ou intelectual em geral, mas de colocar as condições para que possamos realizar no Brasil o mesmo que os europeus e os norte-americanos realizam nos seus países: gerar pensamento novo, próprio, seja nas Ciências Exatas, nas Artes, nas Humanidades ou Ciências Sociais. É perfeitamente legítimo que absorvamos e apliquemos em nossos estudos

as teorias geradas na academia dos países centrais; o que é também legítimo, e ainda muito pouco exercido, é gerar, a partir delas - e criticando-as, ou mesmo posicionando-se contra elas - teorias novas, ou surgidas a partir do equacionamento próprio de nossas questões próprias.

Dados esses condicionantes, o Epistemômetro precisaria ser desenvolvido no início de quaisquer novos projetos de internacionalização da ciência, precisamente para avaliar em que medida esses movimentos centrífugos conseguirão deslocar o eixo da hegemonia científica, ou se ela contribui apenas para reafirmar o seu lugar eurocêntrico. Por enquanto, como se poderia prever, o projeto multiepistêmico está mais presente no afrocentrismo e no indigenocentrismo, e quase inexistente na produção do grupo branco brasileiro hegemônico.

O Epistemômetro é uma forma de organizar perguntas acerca da estrutura colonizada que opera na nossa academia. Por tal motivo, realizá-lo é fazer uma pesquisa científica posicionada. A assimilação de teorias ocidentais tem como efeito promover silêncios acerca de temas e abordagens; distorções ao invocar argumentos que não se aplicam aqui; e desviar as nossas prioridades para áreas que não são de nosso interesse primordial.

O pensamento decolonial parte da constatação do eurocentrismo, porém não coloca a prática eurocentrada como objeto de observação. Executar o Epistemômetro é construir uma base empírico-teórica de dados e interpretações acerca da assimilação da episteme ocidental moderna no nosso meio. Como qualquer outra, esse tipo de leitura avaliativa-crítica deve operar por contraste: existe eurocentrismo e euroexclusivismo onde não existe nenhum ou muito pouco afrocentrismo, indigenocentrismo ou quilombocentrismo (ou quaisquer outros centrismos).

Em suma, mais que um método universal de medida de qualquer padrão epistêmico, o epistemômetro visa circunscrever as características do eurocentrismo especificamente brasileiro, e não da configuração da epistemologia ocidental moderna como um todo, visto que o formato da instituição universitária, as ementas e os programas vigentes expressam uma seleção de temas e de autores que foram feitos exclusivamente pelos acadêmicos brasileiros, sem nenhuma imposição direta dos nossos colegas dos países centrais. A esta altura da história das nossas universidades, o eurocentrismo extremo a que somos submetidos somente se mantém por efeito de um colonialismo acadêmico interno.

Algumas ferramentas metodológicas básicas:

Linha do tempo:

1996- LDB-Educação escolar indígena bilíngue

2003-Lei 10.639

2008 – Lei 11.645

2008 - Início do Prolind (Licenciatura Intercultural Indígena)

UFABC-Lei 11.145.20/7/2005

UFOPA-Lei 12.085/2009

UNILAB Lei 12.289-2010

UNILA Lei 12.189/12/1/2010

UFSB Lei 12.818/2013

Damos destaque a essas cinco universidades federais mais novas porque todas elas foram construídas já com modelos acadêmicos interdisciplinares, o que significa uma primeira libertação da disciplinaridade, que é uma marca da episteme eurocêntrica moderna. Em termos dos parâmetros do Epistemômetro, a UNILAB, a UNILA e a UFSB já formularam suas grades curriculares mais pluriépistêmicas, com a presença significativa de temas e abordagens africanas, latino-americanas e dos povos tradicionais. A tendência é que se libertem cada vez mais do modelo monoepistêmico ainda hegemônico, e a UFSB, como mencionaremos no final, já formulou essa convivência interepistêmica em um livro volumoso e recente, que deverá servir de referência para as outras quatro em particular, e para as demais em geral

Avanços esperados do movimento de superação do eurocentrismo:

- institucionais
- cursos
- disciplinas não-eurocêtricas em cursos ainda eurocêtricos
- ementas não eurocêtricas em cursos ainda eurocêtricos

A ruptura pluriépistêmica surge nas inovações que propõem a convivência da episteme eurocêntrica com a episteme afrocêntrica; da episteme eurocêntrica com a episteme indigenocêntrica; e da episteme eurocêntrica com as duas outras simultaneamente.

As duas leis (10.639 e 11.645) se concentram no mundo das Humanidades e das Artes, visto que seu foco principal de abrangência é a história da África e as expressões culturais afro-brasileiras e indígenas. Evidentemente, a episteme eurocêntrica carrega mais diretamente o peso, na formação dos valores e da identidade dos jovens estudantes brasileiros, da cultura ocidental, ao preço de excluir seus correspondentes das culturas afro-brasileiras e indígenas. As Leis não mencionaram a ciência nem a tecnologia explicitamente, muito provavelmente porque é mais difícil e abstrato circunscrever o eurocentrismo nessas

áreas do saber, inclusive pelo fato de que elas são quase todas matematizáveis; e a matemática adquiriu, na episteme ocidental moderna, uma feição universal, de tal modo que não se digna sequer a apresentar-se como parte da visão eurocêntrica moderna (e como tal, confinada ao Ocidente) do mundo.

Partindo de um quadro original exclusivamente eurocêntrico, a proposta é registrar as mudanças institucionais, de aberturas de cursos, de criações de disciplinas, de alterações das ementas das disciplinas existentes, criações de revistas acadêmicas, grupos de pesquisa, contratação de professores, que ampliem e contribuam para o estabelecimento de uma universidade pluriépistêmica, com espaço intelectual para abrigar os conhecimentos afrocêntricos, indigenocêntricos, quilombocêntricos, das culturas populares e dos demais povos tradicionais brasileiros.

A execução desta ferramenta tem como antecedentes uma série de textos que fundamentam a teoria e a prática do Encontro de Saberes, e todos eles oferecem exemplos concretos da passagem de um universo acadêmico monoépistêmico para um pluriépistêmico.<sup>2</sup> Como indicamos nos textos, o Epistemômetro é um ponto de referência, uma placa informativa que nos permite avaliar um modelo de universidade baseada na coexistência de múltiplas tradições epistêmicas em um regime de equanimidade.

Retiramos os marcos de referência epistêmica das ementas das disciplinas ministradas até agora pelos mestres em catorze universidades<sup>3</sup>. A riqueza dos temas e das abordagens não-ocidentais é o parâmetro concreto da incompletude, do silenciamento, das representações parciais e distorcidas que caracterizam o currículo eurocentrado vigente nas nossas universidades. Aplicar a ferramenta é registrar o conteúdo e as abordagens das ementas e pontuar os conteúdos e as abordagens delas ausentes.

## **Inovação curricular/pedagógica nos módulos do Encontro de Saberes**

### **UnB**

Educação Ambiental- a perspectiva Ashaninka

---

<sup>2</sup> Para a teoria do Encontro de Saberes e as suas propostas de superação do eurocentrismo, ver Carvalho (2017, 2018, 2019, 2020a, 2020b), Carvalho e Flórez (2014a, 2014b), Carvalho, Flórez e Ramos (2017), Carvalho e Águas (2015), Ferreira (2020), Tugny, A. (2020), Tugny, R. (2020). Para uma análise do Encontro de Saberes como um giro decolonial efetivo, ver Jardim (2018).

<sup>3</sup> Para um quadro mais atualizado de indicadores, ver Carvalho & Vianna (2020).

Política e Espiritualidade Tukano  
Arquitetura Tradicional Xinguana  
Diálogos com o Xamã Davi Kopenawa  
Espiritualidade e Cura Kamayurá  
Saberes e Cosmologias – as narrativas Kubeo  
Música e Artes no Alto Xingu  
Saberes Quilombolas  
Farmacopeia Quilombola  
Gestão da Terra  
Cultura Kalunga  
Cosmologia do Candomblé: Vestes Sagradas.  
A tradição Nagô e o Candomblé de Recife  
A Cosmovisão da Nação Congo Angola  
Mestres do DF e Entorno – Congado  
Cavalo Marinho: artes cênicas, artesanias, música e dança  
Congado dos Arturos  
Congado e Moçambique  
Bumba Meu Boi  
Cantos e Musicalidade no Bumba Meu Boi  
Festejos Populares – Folia e Catira

## **UFMG**

Artes e Ofícios: Curas e Cuidados Guarani  
Artes e ofícios dos saberes tradicionais: curas e cuidados Pataxó  
Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais: Políticas da Terra/povo Tupinambá  
Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais: Políticas da Terra/ povo Guarani-Kaiowa  
Cinema e Pensamento Xavante.  
Cosmovisão Guarani e Kaiowa  
Cosmociências: Arte da Miçanga Krahô  
Cosmociências: Arte da Miçanga Lira Huni Kuin  
Territórios do Barro Xacriabá  
Cinema e pensamento kino-maxakali  
Saberes Tradicionais: construção da Casa Maxacali  
Saberes Tradicionais: Arquiteturas e Cosmociências: Casa Xacriabá  
Saberes Tradicionais: Cosmociência- culinária e construção Xacriabá  
O Livro Vivo Huni-Kuin: narrativas, plantas e imagens  
Saberes Tradicionais: Cosmociências Pensamento Huni Kuin  
Dinâmica das Manivas no Médio Solimões  
Artes e ofícios dos saberes tradicionais: curas e cuidados com plantas  
Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais: Políticas da Terra  
Farmacopeia e medicina Quilombola  
Cultura e Cultivo nos Quilombos  
Saberes no Quilombo do Mato do Tição  
Saberes no Quilombo de Cedros  
Saberes no Quilombo da Tabatinga  
Confluências quilombolas e contra-colonização  
Artes e ofícios dos saberes tradicionais Quilombolas: curas e cuidados

Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais: Políticas da Terra  
Catar folhas: saberes e fazeres do povo de axé  
Saberes Tradicionais: Línguas e Narrativas Injira de Ingoma – Africanias  
Saberes Tradicionais: Artes e Ofícios Curas e Cuidados  
Cantos Afrobrasileiros - As tradições da Congado  
Mestres Arturos- O Reinado e a tradição dos Arturos.  
Artes e Ofícios, Curas e Cuidados na Comunidade dos Arturos  
Os Arturos: Reinado e Congado  
Saberes Tradicionais: Saberes e fazeres cantados  
Os Saberes da Capoeira Angola  
Danças, Cantos, Toques e Instrumentos Tradicionais – Pife

### **UFJF**

Cultura Indígena na Brisa da Cura – Cosmovisões  
Cultura Indígena na Brisa da Cura – etnobotânica  
Saberes Indígenas - Agroecologia  
Agroecologia ainda que tardia  
Cultura Quilombola, Resistência em Festa.  
Os conhecimentos ligados ao corpo, à cura, à natureza, cultura e história, a partir das experiências quilombolas

### **UFSB**

Tradições e saberes dos Pataxós HãHãHãe e Tupinambá: cultura e modos de vida na TI aramuru-Paraguaçu  
Conhecimento tradicional e modos de vida pataxó e quilombola; ancestralidade quilombola de Itacaré e Marambaia.  
O universo da cura indígena e a transmissão do saber O universo da cura indígena e a transmissão do saber  
A vida na floresta: história e luta dos Pataxó; formas de conhecer e conviver com a mata; tecnologia de manejo; medicamentos e fabricação de objetos; assovios, cantos e danças.  
O conhecimento popular da Mata Atlântica: a poesia oral dos saberes; parcerias interculturais com a ciência; o interesse da Etnobotânica; a convivência pacífica entre turismo e natureza.  
Saberes dos manguezais: natureza, águas e clima; modos de vida e trabalho do marisqueiro; artefatos, cantos e tradições; biodiversidade, manejo e perenidade de espécies do mangue  
Tradição da cerâmica do Jequitinhonha.  
Cartografias da cerâmica;  
Técnicas, tradições e escolas da  
O homem e a floresta: conhecimento tradicional e modos de vida quilombola; ancestralidade quilombola de Itacaré e Marambaia; estratégias de organização política.<sup>[1][2]</sup>  
Tradições quilombolas na Mata Atlântica: agricultura tradicional e saberes agroflorestais; técnicas da produção orgânica; ciclos de desmatamento e a importância do reflorestamento.  
Tradições quilombolas na Mata Atlântica: agricultura tradicional e saberes agroflorestais; técnicas da produção orgânica; ciclos de desmatamento e a importância do reflorestamento.  
Espiritualidade de Matriz Africana  
Candomblé: cura pelas plantas  
Candomblé Angola — história, mitos e rituais: matrizes do Candomblé; festas sagradas e

profanas; interação comunitária; processos formativos no Terreiro Matamba Tombenci Neto.  
Fundamentos da Capoeira

### **UFPA**

Diversidade e Diferença: Festa da Moça Nova e Festa do Mingau- modo de vida e repertório musical Tembê

Artes e Ofícios de Nomear em Ka'apor.

Música, Cultura e Sociedade: Boi – Bumbá em Belém- tradição e resistência que vem de longe  
Saberes e Fazeres Musicais: oficina de percussão do carimbo, construção e execução dos instrumentos

Música, Cultura e Experiência: Pássaro Junino Tucano.

### **UECE**

Torém e Espiritualidade Tremembé: saberes e práticas de cura tradicionais da etnia Tremembé.

Terra Toré: Tradição e Espiritualidade dos Índios Pitaguary: Saberes e fazeres tradicionais da cura  
Plantas que Curam: o Conhecimento das Mezinhas no Sertão do Ceará.

### **UFCA**

Banda Cabaçal

Instrumentos da música tradicional do Cariri.

A tradição do coco no Cariri

Repentes e violeiros: música e poesia oral

Terreiros de candomblé e umbanda

Benditos e Incelências em Juazeiro do Norte

Plantas que curam

### **UFRGS**

Sociedades e Cosm visões- Guarani

Saberes Guarani - Plantas e Espírito

Saberes Kaingang - o universo da floresta, no sentido da saúde plena, entre pessoa e terra.

Sociedade e Cosm visão Quilombola

Sociedades e Cosm visões: Tradições Afro-Brasileiras

### **UFF**

Corpo e Aprendizagem Mbyá.

Saberes Guarani: Nhandereko Mbya

Corpo e aprendizagem Caiçara.

Corpo e Aprendizagem no Terreiro.

A Oralidade e as Expressões Rítmicas no Terreiro.

Cantos e Toques nos Jongos e Quilombos

Terreiro, Jongos e Quilombos – Diálogos E Reflexões

Ritmos e Performances no Reizado e na Palhaçaria

Cantos e Toques no Repente

Ritmos e performances do cordel.



**UFRR**

Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais - Ye'kuana  
Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais dos Povos de Terreiros

**UFVJM – Campus JK**

Farmacopeia do Cerrado  
Cosmologias Pataxó e Pankararu  
Arte de partejar

**UFRJ**

Saberes e Ocupações Tradicionais Guarani

**UNILAB - CE**

Saberes Indígenas e o Encontro de Saberes  
Mestres da Cultura e Políticas Culturais no Ceará  
Saberes Indígenas e Quilombolas  
Saberes Sagrados e Saberes da Vida  
Intersecções entre Maestria e Academia na UNILAB

**Variáveis de Aplicação do Epistemômetro**

As variáveis seguintes são retiradas dos nossos princípios de organização do saber acadêmico; as referências de avaliação, por contraste ou por ausência, serão retiradas das inovações curriculares (temáticas e de abordagem) trazidas pelos mestres e mestras.

- a) Identificar os cursos, temas e bibliografia sobre culturas indígenas, afro-brasileiras, quilombolas, das culturas populares e das demais tradições excluídas do cânon acadêmico eurocêntrico.
- b) Quantas e quais línguas indígenas, africanas, asiáticas e de outras famílias não-ocidentais são ensinadas nas universidades.
- c) Graus de Reprodução do cânon. O cânon pode servir para orientar e fundamentar, simultaneamente, todos ou algumas das dimensões de organização do saber universitário:
  - d) Organização geral da universidade em unidades acadêmicas: faculdades, institutos, departamentos, centros. Em alguns poucos casos, as unidades são inter ou transdisciplinares, o que nos convoca a observar se a inter ou a transdisciplinaridade

proposta é construída com a combinação de disciplinas eurocêntricas ou se incluem abordagens ou temas derivados das epistemes não-ocidentais, tais como as indígenas, afro-brasileiras ou outras.

- c) Organização das faculdades.
- d) Organização dos departamentos ou núcleos.
- e) Organização dos cursos ou carreiras.
- f) Elencos das disciplinas ofertadas. Separar os tipos de disciplinas: obrigatórias, optativas do elenco das obrigatórias; seletivas; optativas suplementares; ou de módulo livre. A diversidade epistêmica será maior e mais intensa a depender do tipo de disciplina que incorpore saberes não-ocidentais modernos.

### **Epistemômetro: Do eurocentrismo monoepistêmico à descolonização pluriepistêmica**

O Epistemômetro consiste em contrastar os temas, as abordagens e os modos de organização do conhecimento (as epistemes) que vêm do mundo ocidental e que nós tomamos como próprias, com os temas, as abordagens e as formas de organização do conhecimento que são utilizadas pelos nossos povos e comunidades tradicionais. Essa avaliação epistêmica somente é possível a partir do momento em que os representantes dos saberes desses povos chegam ao nosso mundo universitário na qualidade de docentes - imbuídos, portanto, de plena autoridade capaz de validar suas epistemes em igualdade de condições com a nossa. A relação entre as variáveis (eurocêntricas) e as referências (indigenocêntricas, afrocêntricas, etc) é uma relação entre forma e fundo, entre o quadro e a moldura. Os saberes não-ocidentais funcionam como moldura para que enquadremos os saberes ocidentais e conheçamos finalmente, os seus contornos e os seus limites. Fixe-se bem que não se trata de rejeitar, mecânica e absolutamente, todo o saber científico e humanístico advindo dos países ocidentais, mas avaliar sua presença exclusiva em um ambiente que é plural e que não é reconhecido como tal.

A convivência de saberes oriundos de diferentes epistemes exige a convivência de sabedores de diferentes epistemes. Ao olharmos para as inovações pedagógicas trazidas pelos mestres nas disciplinas ofertadas pela rede de universidades do Encontro de Saberes, podemos concluir que elas não estavam contempladas nem nas disciplinas nem nas ementas

dos cursos vigentes nas universidades. A razão para isso é simples, porém nunca refletida e nem sequer enunciada: com raríssimas exceções, nenhum projeto político-pedagógico de qualquer curso aberto até hoje em todas as nossas universidades foi realizado em diálogo com os povos tradicionais em atenção aos seus anseios por formação da sua juventude. Algumas exceções, conforme dito, são as Licenciaturas do Campo, os Bacharelados em Agroecologia e as Licenciaturas Interculturais Indígenas; e o maior destaque vai para a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), que construiu seu projeto acadêmico em diálogo com os povos e comunidades da região, inovação que acaba de ser relatada de modo circunstanciado em um livro recente (Tugny e Gonçalves 2020). O Epistemômetro recolhe essas inovações para projetar nossos esforços para a co-existência epistêmica equânime no ensino superior e na pesquisa.

## BIBLIOGRAFIA

AMIR, Samir *Eurocentrism*. 2nd. ed. London: Monthly Review Press, 2010.

CARVALHO, José Jorge Uma Proposta de Estudos Culturais na América Latina: Inclusão Étnica e Racial, Transdisciplinaridade e Encontro de Saberes. Em: Júlia Almeida e Paulo Roberto Tonani do Patrocínio (orgs), *Estudos Culturais: Legado e Apropriações*, 157-189. Campinas: Pontes Editores, 2017.

\_\_\_\_\_ Encontro de Saberes e Descolonização: Para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. Em: Joaze Bernardino-Costa, Nelson Maldonado-Torres e Ramón Grossfoguel (orgs), *Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico*, 79-106. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

\_\_\_\_\_ Transculturality and the Meeting of Knowledges. Em: Ursula Hemetek, Daliah Hindler, Harald Huber, Therese Kaufmann, Isolde Malmberg e Hande Saglam (orgs), *Transkulturelle Erkundungen. Wissenschaftlich-künstlerische Perspektiven*, 79-94. Viena: Böhlau Verlag, 2019.

\_\_\_\_\_ Encontro de Saberes, Descolonização e Transdisciplinaridade. Três Conferências Introdutórias. Em: Rosângela Pereira de Tugny e Gustavo Gonçalves (orgs), *Universidade Popular e Encontro de Saberes*, 13-56. Brasília: INCT de Inclusão/Salvador: EDUFBA, 2020a.

\_\_\_\_\_ O Encontro de Saberes nas Artes e as Epistemologias do Cosmos Vivo. Em: Rosângela Pereira de Tugny e Gustavo Gonçalves (orgs), *Universidade Popular e Encontro de Saberes*, 475-507. Brasília: INCT de Inclusão/Salvador: EDUFBA, 2020b.

CARVALHO, José Jorge & Juliana Flórez The Meeting of Knowledges: A project for the decolonization of universities in Latin America, *Postcolonial Studies. Special Issue*:

*Decoloniality, Knowledges and Aesthetics*, Vol. 17, No. 2, 122-139, June 2014a.

Encuentro de Saberes: Proyecto para decolonizar el conocimiento universitario eurocéntrico, *Nómadas*, Vol. 41, 131-147, outubro de 2014b. Universidad Central, Bogotá.

CARVALHO, José Jorge, Juliana Flórez e Máncel Ramos El Encuentro de Saberes: Hacia una Universidad Pluriepistémica. Em: Nina Alejandra Cabra Ayala e Camila Aschner Restrepo (orgs), *Saberes Nómadas: Derivas del Pensamiento Propio*, 183-208. Bogotá: Ediciones Universidad Central, 2017.

CARVALHO, José Jorge e Carla Águas Encontro de Saberes: Um Desafio Teórico, Político e Epistemológico. Em: Boaventura de Sousa Santos & Teresa Cunha (orgs), *Colóquio Internacional Epistemologias do Sul. Vol. 1: Democratizar a Democracia*, 1017-1027. Coimbra: Universidade Coimbra/Centro de Estudos Sociais, 2015.

CARVALHO, José Jorge e Letícia C.R. Vianna Encontro de Saberes: Indicadores 2010-2020. *Cadernos de Inclusão n.13*. Brasília. INCT de Inclusão, 2020.

FERREIRA, Rogério Matemática Interepistêmica para uma Formação Libertadora. Em: Rosângela Pereira de Tugny e Gustavo Gonçalves (orgs), *Universidade Popular e Encontro de Saberes*, 383-409. Brasília: INCT de Inclusão/Salvador: EDUFBA, 2020.

JARDIM, Raoni Machado Moraes *Educação Intercultural e o Projeto Encontro de Saberes: Do Giro Decolonial ao Efetivo Giro Epistêmico*. Tese de Doutorado. Departamento de Estudos Latinoamericanos. Brasília: Universidade Brasília, 2018.

SPIVAK, Gayatri *Pode o Subalterno Falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

TUGNY, Augustin Descolonizar as Artes na Universidade. Em: Rosângela Pereira de Tugny e Gustavo Gonçalves (orgs), *Universidade Popular e Encontro de Saberes*, 509- 529. Brasília: INCT de Inclusão/Salvador: EDUFBA, 2020.

TUGNY, Rosângela Conhecimentos Tradicionais e Território na Formação Universitária. Em: Rosângela Pereira de Tugny e Gustavo Gonçalves (orgs), *Universidade Popular e Encontro de Saberes*, 439-461. Brasília: INCT de Inclusão/Salvador: EDUFBA, 2020.

TUGNY, Rosângela e Gustavo Gonçalves (orgs), *Universidade Popular e Encontro de Saberes*, 439-461. Brasília: INCT de Inclusão/Salvador: EDUFBA, 2020.

